

# MEMÓRIA E CONHECIMENTOS DE TRADIÇÃO ANCESTRAL NAS NARRATIVAS DE UMA BENZEDEIRA AFRO-BRASILEIRA

## MEMORY AND TRADITION OF ANCIENT KNOWLEDGE IN THE NARRATIVE OF A HEALER AFRO-BRAZILIAN

Maria Aparecida de Barros  
E-mail: mapdebarros@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo é resultado de pesquisa de campo sobre a atuação de Cândida Gomes, uma benzedeira do norte paranaense. A metodologia utilizada consistiu nas análises da relevância da memória ancestral na atividade de cura, da poeticidade de suas histórias, e da maestria no uso de voz, corpo e performance dos fatos içados de sua memória.

**PALAVAS-CHAVE:** Atividade de cura; Oralidade; Memória ancestral.

**ABSTRACT:** This article is the result of a field research on the role of Candida Gomes a healer in the northern region of Paraná State. The methodology consisted in analyzing the relevance of ancestral memory in the curing activity; the poetic form that she tells her stories, and the mastery in the use of her voice, body and performance off acts existing in her memory.

**KEY-WORDS:** Curing activity; Orality; Ancestral memory.

### **Oralidade e memória: pesquisa de campo**

Acreditamos que o trabalho com a memória e história oral tem aspectos relevantes para formação do cidadão, na afirmação de outras culturas marcantes na nacionalidade brasileira. Levando esta perspectiva em consideração, nos anos de 2005 a 2008, enquanto atuava como Coordenadora de Língua Portuguesa no Núcleo Regional da Educação de Cornélio Procopio, Paraná, coordenei uma formação continuada, denominada “Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná”, envolvendo professores e alunos da rede pública de educação básica para a coleta de memória de pessoas comuns, em suas localidades.

A ação contou com a parceria de professoras do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, que acompanhou e orientou os docentes, atuantes na rede pública de educação básica, em vários municípios, jurisdicionados ao Núcleo Regional da Educação de Cornélio Procopio, durante todo o percurso de pesquisa, contabilizado nos três anos de formação continuada. Ela incrementou a dinâmica ensino e aprendizagem, na fusão de professor e aluno como sujeitos pesquisadores, que, ao entrevistar, filmar, transcrever os depoimentos, estreitaram os laços com os entrevistados. O intercâmbio lhes proporcionou observar que tanto os entrevistados como suas narrativas se incorporaram aos conteúdos

escolares estudados. Sob este ângulo, puderam perceber que a história local se correlaciona com a universal, quando a relevância incide sobre a humanidade dos sujeitos.

A experiência desta formação continuada me conduziu ao mestrado, pois as técnicas apreendidas no “Contação de Histórias” foram imprescindíveis para o processamento da pesquisa que se originou no campo, na coleta de depoimentos de vida de uma mulher comum, residente num dos arrabaldes empobrecidos, em Cornélio Procópio. Trata-se de uma benzedeira, nomeada Cândida Gomes que, em 2009, contava com 84 anos.

Senhora de uma memória admirável, contando com saúde e agilidade extraordinárias, somava à sua atividade diária, o benzimento. Seu público alvo era gestante e crianças, no entanto, não ser esquivava a benzer os adultos, também. Por isso, a demanda sempre foi imensa, já que muitos a procuravam na ânsia de verem seus problemas, tanto os de ordem físicas como os da esfera psicológica, sanados. Para tanto, recorria aos saberes dos ancestrais, herança herdada de seu pai, possuidor do dom da cura e da manipulação de remédios, advindos de plantas medicinais, por ele cultivadas. Conhecimento também sorvido pela filha, que preparava infusões e medicamentos diversos para atender à comunidade.

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas.<sup>1</sup>

De fato, a pesquisa de campo demanda estreita observação à entrevistada, desde a atuação performática, à fala. O aspecto mais profundo é a habilidade na condução do discurso vivo, ministrado por Dona Cândida. E com o propósito de compreender o caráter da cultura na qual se embrenha a entrevistada, patente nos signos por ela desenvolvidos, a pesquisa dirigiu-se pelo teor qualitativo, no estímulo de que a benzedeira espontaneamente retornasse ao passado e recolhesse os episódios mais marcantes de sua trajetória existencial.

Convém ressaltar que a investigação exigiu de minha parte, a prática da paciência, do ouvir, o respeito à cultura da depoente e a ação de interferir o mínimo possível, para não bloquear os pensamentos da narradora. A aplicação dessa atividade permitiu aguçar a atenção aos pequenos detalhes carregados de significados, reveladores de aspectos da realidade vivenciados pelos grupos sociais nos quais se insere a depoente. Assim, um gesto, um aceno, choros remetem às cenas passadas e constituem substância para melhor compreensão do

---

<sup>1</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: < <https://books.google.com.br>>. Acesso em 2/2/2016.

impulso criador das narrações, evidenciando a questão individual e coletiva dessa mulher no suporte comunitário.

O trabalho de campo, as anotações, a transcrição e a integração de equipamentos tecnológicos – gravador, câmara filmadora – foram rearranjos necessários para apreender as narrativas. Penetrar no passado requer manobras de ações que se principia na sonorização, acionada pela evocação da memória, acrescida da *performance*. Nesses aditivos armam-se as estruturas narrativas, que enreda o (a) ouvinte e confere veracidade aos fatos narrados. O discurso que se nutre na memória, se dissimula na subjetividade e por estes dispositivos há representação da realidade, já que

a força que faz vibrar a história oral brasileira é a mesma que não deixa morrer a luta dos subjugados em busca do direito de ser. [...] [Direito que] garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem.<sup>2</sup>

Os depoimentos de vida abarcam vazios, que se complementam e se completam na trama, promovida pela conjugação do corpo e da voz. Recursos esses que valorizam o episódio narrado, ao ampliar o vivido e revelar a ação do próprio sujeito e de sua coletividade. A exaustiva peregrinação da pesquisa de campo somou-se à pesquisa teórica, com o propósito de estruturar e sustentar o diálogo acadêmico com as fontes orais advindas da narradora, visto que

A história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. A consideração do âmbito subjetivo da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa, cujo propósito inclui a ampliação, no nível social, da categoria de produção dos conhecimentos históricos.<sup>3</sup>

A análise dos depoimentos, ofertados por Dona Cândida, tem relevo na subjetividade da experiência humana, ou seja, examinar, no que é dito e no que é subtendido, a visão de mundo que a benzedeira carrega e como dispersa sua crença e valores no contexto social. As considerações levaram em conta, também, as estratégias por ela utilizadas para preservar a memória de seus antepassados.

Em consideração a esse fato, no item a seguir, há exemplificação de uma das histórias cedidas por Dona Cândida. Concentramo-nos na fala/memória, com o objetivo de desvelar a condição de “luta dos subjugados”, representativa na ação de cura da benzedeira que ampliou

---

<sup>2</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*, 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 15 e 32.

<sup>3</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: < <https://books.google.com.br> >. Acesso em 2/2/2016.

sua jornada de trabalho, ao dedicar parte de seu tempo em benefício do ser humano. Ocupação voluntária, de caráter beneficente e fraternal, carregou-se pelo amor ao próximo, na conduta de contribuir para o bem estar social.

### **Morte e renascimento: memória ancestral**

A benzedeira, Cândida Gomes, nos cedeu vários depoimentos de vida que, alçados de suas memórias, descrevem sua trajetória para o desenvolvimento de sua ação de cura, centrada no atendimento à comunidade. Como afirmado por ela, tal evento é um legado da ancestralidade. Presumimos, ao cotejar os fatos orais com os referenciais teóricos, tratar-se de ciência processada por seus antepassados, os dos povos bantos, que ocupavam o país de Angola. Seu progenitor, conforme testemunho, era possuidor deste dom e ela foi escolhida, pelos ascendentes, a continuar o exercício, a fim de recuperar a saúde, tratar de doenças, tanto de arranjo físico como a de espiritual. A manobra de relembrar traz à superfície social os ensinamentos transmitidos pela tradição de seus antepassados. Ato e ação se associam em atitudes.

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.<sup>4</sup>

A atuação da benzedeira se traduz pela resistência. O fato de não se furtar ao legado cultural, transmitido oralmente por seus familiares, projeta-a no seio comunal, pois na contradição do processo, não se rendeu aos padrões ideológicos que visavam inibir manifestações que se destoassem dos “discursos oficiais”. Os princípios transmitidos de geração a geração foram imprescindíveis para o fortalecimento de si mesma e de seu grupo social.

Fortes motivos que determinaram Dona Cândida a não se negar a atender à solicitação de seus mais velhos. Desde a infância, eles lhe testaram com visões, de modo a ampliar-lhe a percepção e melhor apreender o significado da transcendência, que mudou radicalmente sua via. Eliade<sup>5</sup> denomina esses fenômenos por hierofania, ou seja, são acontecimentos

---

<sup>4</sup> POLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, 1989, p.5. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br> >. Acesso em: 2/2/2016.

<sup>5</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução: Rogério Fernandes, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

perpassados pelo sagrado que, manifestados a um vivente, possibilita-lhe maior entendimento sobre a realidade, já que a realidade passa a ser analisada sob o viés do sagrado.

Assim, morte e renascimento cingem-se nas histórias levantadas por Dona Cândida, ao deter certos conhecimentos sobre a sua futura atuação no cerne social. Ela renasce desperta para uma nova experiência, trajetória necessária para definir o sagrado nessa mulher afrodescendente que se reputa consagrada para servir a humanidade. A expressividade da palavra evocada da memória pluraliza vivências e demarca a identidade coletiva, uma vez que a memória se nutre na fonte social, no emaranhado de vozes, que ao se agregar, remodela o tempo e o espaço, descortina o modo de ser e agir.

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (...) O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.<sup>6</sup>

As lembranças pessoais de Dona Cândida se abastecem nos referências religiosos, guardados em sua memória. Desta forma, a história de vida, acionada pela esfera espiritual povoada pelas entidades sobrenaturais, por ela intermediadas, revigora os dogmas africanos, que se agregam aos do catolicismo. Ao semeá-los no solo social, brota-lhe a percepção de que seu ofício de benzimento a individualiza e, na mesma medida, tonifica os laços de identidade coletivos.

Singelamente, a narradora ao se manifestar pela vivacidade de sua memória impinge movimento ao tempo, em que cenas do passado sincronizam-se com ações diversas decorridas no cotidiano. Nesse processo, reinventa a vida, como expresso no episódio abaixo, que retrata um determinado período da infância de Dona Cândida, abatida por um mal estar, que a aprisionou por vinte e um dias em seu leito.

Eu acho que eu tinha uns 8 ano, mais ou menos. A criança num morria, num morria. Eu tive vinte e um dia morta, vinte e um dia morta, e o povo guardando, descorçoou de guardar, mandaram buscar um, chamar meus parente pra vim, porque a criança num morria, num morria. Aí, minha mãe, apavorada, pedia pra Deus que descansasse aquele anjo, porque ela num devia pecado, nem ela nem meu pai, né? A criança daquele jeito né? Aí, o povo vinha. Aqueles que trabalhava de dia trabalhava de dia, vinha guardar e aqueles que ficava a noite guardando, ia dormir. Naquele tempo era assim, né? Que se olhava as pessoa que tava doente, zangado, né? Aí minha mãe

---

<sup>6</sup> POLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, 1989, p.7-8. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br> >. Acesso em: 2/2/2016.

falava “Meu Deus do céu, que é que eu vou fazer?”. A mesa cheia de remédio. Naquele tempo num tinha remédio quase, remédio só de casa. Aí, minha mãe falava “como é que nós vai fazer, oh!, meu Deus?, podia descansar esse anjo, não aguento mais passar a noite sem dormir”. E foi desse jeito, desse jeito. Quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe (*alonga*). Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arrie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança. Aí, meu irmão pegou, montou o cavalo ali, né?, Não arrumou nada e foi lá pegar o Rei Santo pra trazer em casa. Aí, meu pai me tirou da cama. Aquele pedaço de gente morto, duro, e a mãe segurando a bandeira, segurando minha mão com a bandeira e o pai segurando eu no braço. E o Rei Santo cantou ali pra mim. Se cê vê a hora que eles canta, as pessoa toda chorava a hora que eles tava cantando pra mim. Aí, eles cantaram assim: “Esse anjo foi pra glória e voltou, que ainda num chegou a hora, Esse anjo foi para a glória e voltou, que ainda num chegou a hora”. Quando foi daqui três dia, a que tava duro na cama, com os zóio parado, começou a se mexer, na cama. Aí, a mãe falou: “eu num tenho coragem de assistir a morte, vai chamar a mulher lá pra mim, tá na ânsia da morte, tá mexendo lá na cama, chegou a hora da morte, eu num tenho coragem”. Aí, foram chamar minha madrinha, que é tia e madrinha, pra por a vela na minha mão. Comecei a mexer, a fazer ar de riso. “Mais que tá acontecendo com esse anjo?” Quatro dias, já virei na cama (bate palma, sorri, fica pensativa).<sup>7</sup>

Com o propósito de demonstrar a vida de Dona Cândida como hierofania, pela emergência do sagrado, consideramos a experiência que transpõe a ação do próprio indivíduo e sequenciamos a narrativa por ela proferida. As ideias estruturam-se em sete partes e nelas intencionamos analisar, na fala da benzedeira, os valores culturais que se amalgamam ao seu fazer. Observando como a apropriação desses saberes repercute na valoração da depoente como nos demais membros sociais. “A história oral permite fazer uma história do tempo presente”.<sup>8</sup>

Na primeira cena apresenta-se o mote: a narradora na situação de semimorta, expresso na ocorrência “A criança num morria, num morria”, intensificado pela marcação temporal que se refere ao período que a prendeu neste estado de inatividade. “O emprego da dupla dizer-ouvir tem por função manifesta promover (mesmo ficticiamente) o texto ao estatuto do falante e de designar sua comunicação como uma situação de discurso *in praesentia*”.<sup>9</sup> E, mais,

---

<sup>7</sup> GOMES, Cândida. Entrevista em registro áudio visual. Realização Maria Aparecida de Barros, em julho de 2009. Cornélio Procópio – Paraná.

<sup>8</sup> POLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 212. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 2/2/2016.

<sup>9</sup> ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Tradução: Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 39.

É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.<sup>10</sup>

Ancorados nas explanações, compreendemos que a menina absorveu o discurso “*in praesentia*”, mesmo em estado de coma. É como se ela estivesse entendendo tudo o que estava se passando a sua volta, mas sem poder se expressar verbal/fisicamente, imobilizou pela doença. Ação que se faz reforçar pela expressão “num morria”. E a história de vida do passado adentra o presente, a benzedeira avalia que o fato foi determinante em sua trajetória, porque a memória de seus antepassados se torna vivaz em sua própria memória, expressa em seu corpo, voz, materializada no ato de cura. Nesta conduta, as repetições têm valor relevante, em razão de que

Não há nada para o que retroceder fora da mente [no discurso oral], pois a manifestação oral desapareceu tão logo foi pronunciada. Por conseguinte, a mente deve avançar mais lentamente, mantendo perto do foco de atenção muito daquilo com que já se deparou. A redundância, a repetição do que já foi dito, mantém tanto o falante quanto o ouvinte na pista certa.<sup>11</sup>

Concordamos com o parecer emitido por este pesquisador, na afirmação de que as repetições são elementos que, além de cadenciar a narrativa, estabelecem sintonia entre a narradora e a ouvinte, porque já na primeira evocação “A criança num morria, num morria” tem a função de intensificar e prolongar os momentos dilacerantes, de modo a refletir a história de vida de Dona Cândida, particularizando a experiência individual, instituída no âmbito coletivo.

O período de inércia não interferiu no grau de lucidez da criança em relação à sua percepção sobre o seu agravante quadro de saúde. Arrebatada pelo incômodo, encontrava-se imobilizada para interagir com os familiares e demais pessoas da comunidade. Tais cenas encerram um cenário que tem como proximidade, a morte. Afirmação amparada no efeito de sentido que impera em “e o povo guardando, descorçoou de guardar, mandaram buscar um, chamar meus parente pra vim, porque a criança num morria, num morria”, refere-se ao

<sup>10</sup> POLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 201. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 2/2/2016.

<sup>11</sup> ONG, Walter J.. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p.51.

cansaço da comunidade em velar pela criança, associado ao sentimento de falta de esperança em vista do panorama. Por isso, fez-se necessária a presença de familiares para se despedir do doente, que pelo veredicto familiar encontrava-se em fase terminal. Para que as fontes armazenadas na memória venham à tona

é preciso não perder de vista a especificidade e a dinâmica da oralidade, já que as diversas facetas ou modalidades bem podem ser somente fases e tarefas sucessivas ou combinadas no tempo, mas sempre fazendo parte de um processo que integra os elementos mais convincentes das diversas técnicas e artes de fazer história oral.<sup>12</sup>

Memória, fala e performance legitimam a função de Dona Cândida no âmbito grupal, pois ao ser chamada, ela assume um papel social, não de um indivíduo com vontade própria, mas do sujeito que deve atender aos anseios coletivos. É uma narrativa que também a empodera com voz coletiva, cuja poesia se reflete não apenas na forma como é narrada a história, mas no que está sendo narrada. Logo, as ações humanas são, também, o húmus da narrativa. Então,

Para a maioria das pessoas, o sofrimento do passado é muito mais suportável, por encontrar-se do lado de boas lembranças de alegria, afeto e realização, e a lembrança destas e daquelas pode ser uma coisa positiva. Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança.<sup>13</sup>

Em conformidade com a alegação, acima explicitada, a história evocada pela voz/memória define a identidade de grupos tangenciados pelos documentos oficiais. Ao falar de si, a benzedeira se faz “ouvir”, se faz ser “vista” pelo canal da vocalização e recobre de visibilidade a parcela populacional preterida pelo sistema econômico. Desamparados, valem-se de si mesmos para se ajudarem, em situações limites, como sinalizados em: “minha mãe, apavorada, pedia pra Deus que descansasse aquele anjo, porque ela não devia ter pecado, nem ela nem meu pai, né? A criança daquele jeito né”. Num espaço social em que as questões humanas se encobrem pelo descaso, a voz narradora soma-se à voz grupal ao revelar a importância da fé, depositando crença num ser superior para entender a condição de

---

<sup>12</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: < <https://books.google.com.br>>. Acesso em 2/2/2016.

<sup>13</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 208.

suas vidas. Daí, a incompreensão da mãe diante a situação problemática em que se encontrava.

A forma verbal “pedia” aponta para a agonia da mãe perante o estado da filha, que se arrasta e se prolonga o que se faz reforçar com a utilização do adjetivo “apavorada”, enquanto que a forma verbal “descansasse” caracteriza o desassossego, gerado pela incerteza desse sofrimento intenso, que parece infundável. Neste panorama, o advérbio “aí” desloca a narrativa para o segundo ponto. Estratégia que além de funcionar como uma rápida pausa, provoca expectativa e mobiliza a ouvinte a adentrar o enredo.

Desenha-se uma imagem com a passagem “o povo vinha”, ao perceber o senso de coletividade, em solidarizar-se com a família. A narrativa proferida por Dona Cândida se traduz pela conjugação de memória, voz e corpo, resulta na performance, “performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade. A performance se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional, (...) ultrapassa o curso comum dos acontecimentos”.<sup>14</sup>

A performance extrapola o ato da comunicação, já que a narradora recupera fatos do passado para remodelar as ações do presente. Os segmentos: “Aqueles que trabalhava de dia, trabalhava de dia, vinha guardar e aqueles que ficava a noite guardando, ia dormir. Naquele tempo era assim, né? que olhava as pessoa que tava doente, zangado, né?”, retratam o árduo trabalho do grupo social e ao mesmo tempo se recobre de humanidade, porque não inibiu a participação dos trabalhadores, em comungar com a apreensão familiar.

Há a presença da solidariedade no revezamento de pessoas do grupo social para cuidar da menina. Nesta enunciação há sinalização de uma atividade interativa, que se potencializa na rememoração do episódio dramático. A voz e performance têm como ponto máximo a edificação da menina que suplanta a morte, encaminhada pelo mundo dos símbolos e dos mitos. A memória abre-se em vias de acesso em que tramita simultaneamente o presente e o passado. Assim a depoente se desloca para o momento em que o fato ocorreu, a fim de descrevê-lo com maior precisão, recompondo o contexto conforme se prosseguiam os acontecimentos.

Em relação ao mote: “E foi desse jeito, desse jeito”, dois princípios envolvem essa sequência. O primeiro concebe a noção de que o evento narrado encobre-se pelo véu da verdade, uma vez que se profere da “palavra-força”, que exala múltiplas vozes, as quais constituem a narradora. Outro princípio, contido nessa ocorrência, estaria na demarcação de

---

<sup>14</sup> ZHUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Naify, 2007, p. 29.

tempo narrativo, pois encerra uma ação e se abre outra perspectiva, tão impactante quanto a primeira. O enredo toma outro rumo, a narradora fecha as portas para o determinismo, o fatalismo, ao optar em se edificar pelo “verbo”, no exercício do benzimento. O acúmulo de experiências permitiu a ela refletir sobre si e o grupo e intervir na comunidade.

Nessa moldura, vislumbra-se que o caso da menina é grave e possivelmente não há como ser-lhe restabelecida a saúde. O confronto com a factível perda da filha gera sentimentos de angústia na progenitora, devido à precariedade em buscar recursos outros, como da medicina oficial, para aplacar o distúrbio. O sofrimento maternal atinge o clímax, quando adquire consciência de que a morte da menina parece ser inevitável. Nota-se que os aspectos emocionais da família frente à morte, também, comovem e compelem o grupo social, cria-se uma predisposição em cooperar com os familiares.

Dona Cândida ao empregar a narrativa em terceira pessoa e ao recorrer ao discurso direto, traz ao tempo presente a fala materna, que se agrega à da narradora, fato que denota maior veracidade ao enredo. O recurso envolve a ouvinte na trama, conduzida pela habilidosa arte fazer brotar de suas memórias, os episódios transcorridos na infância. Assim, corpo ouvinte se desloca ao passado, a fim de acompanhar a saga familiar.

A técnica permite, também, confirmar a proximidade entre ela e os personagens. Ao dar voz à mãe, confere maior densidade à narrativa, pois traz à baila o sofrimento materno, que apesar da disposição, sentia-se impotente diante à filha que se definhava, consumia-se pela enfermidade. Curiosamente, a narradora, na quarta passagem, recorre ao advérbio “quando”. Há uma força enfática nessa palavra, por exprimir a possível solução ao dilema, dramatizados por mãe e filha e demais componentes da esfera grupal. “Quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe (alonga). A ideia é elaborada de modo enfático, sinaliza a perspectiva para a resolução do problema. Embora a atitude da mãe orientava-se pela indecisão, imprecisão, brotava-lhe um sentimento de esperança em solucionar o drama vivido.

O empenho maternal e grupal não foi suficiente para revolver a enfermidade da menina, por isso, a mãe transferiu o caso para a esfera religiosa, cria que a Folia de Reis traria a sentença final ao dilema. A força expressiva desta palavra extrapola o sentido gramatical, pois a narradora ao pronunciá-la, provoca a amplificação, de modo a produzir um sentido demarcativo de distância que o advérbio por si só não consegue abranger.

A ênfase nos leva a pressupor que os foliões estavam distantes da residência da menina enferma. Temendo que eles não excursionassem por aquele trajeto, o da localidade da moradia dos familiares de Dona Cândida, a mãe pede a um dos filhos que vá ao encontro

deles, solicite-lhes a presença e os conduza até o local. “Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arreie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança”.

Novamente a narradora concede voz à mãe, com o propósito de enfatizar a preocupação em resolver o caso que as envolvia. A possível solução encontrava-se no religioso, na Folia de Reis, uma manifestação de tradição popular incorporada pela igreja católica. Percebe-se, igualmente, o medo de que não se efetivasse o encontro com os foliões. Por isso, a ação rápida da mãe, induz o filho a ter a mesma atitude de agilidade, dispensado a tarefa de encilhar o cavalo.

A desenvoltura maternal se confirma com a aplicação dos advérbios “longe”, “ali” e “aqui”, ressaltam, também, a habilidade em providenciar assistência à filha, se não atuasse rapidamente, o “remédio-solução” poderia não chegar. O valor simbólico da Folia de Reis fundamenta-se na representação dos Reis Magos em sua peregrinação para visitar, presentear e homenagear o Menino-Jesus, ato que se realiza na *performance*, em que o rito se processa por dança, cantorias, preces, benção e solicitações.

Nesse momento, a proteção e as graças alcançadas são agradecidas e são efetuados novos pedidos. “A Folia de Reis é um rito calendário que, geralmente, ocorre nos primeiros dias do ano: começa no dia 1º de janeiro e termina no dia seis de janeiro, dia de Santos Reis. No calendário litúrgico oficial da Igreja consta como dia da Epifania ou da manifestação de Jesus aos povos”.<sup>15</sup>

Epifania no campo religioso tem como significado o contato humano com a essência divina, que lhe aponta um caminho ou lhe passa uma mensagem. No aspecto literário, epifania é o ponto máximo da revelação, que nasce de situações banais, levando a personagem à melhor compreensão de sua vida. É como se tudo, de repente, se tornasse claro e evidente. Pelo depoimento de vida, liberado das lembranças de Dona Cândida, notamos que a epifania tem caráter religioso, conceituado, neste campo, da seguinte forma:

o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no conteúdo etimológico a saber, que algo de sagrado se nos revela. [...] pelas manifestações das realidades sagradas. [...] Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se

---

<sup>15</sup> SILVIA, Maria Luiza dos Santos. *A Folia de Reis da família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, 2006, p. 46. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=222](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222)>.

como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.<sup>16</sup>

Acrescem-se as essas manifestações o fator poético, pois ao penetrar nos pensamentos das personagens, recorrendo ao discurso direto e à redundância, manifestada em repetições nucleares, Dona Cândida recria a palavra, se volta para a interioridade do ser humano. Por essa técnica, a linguagem adquire nova significação ao expressar a realidade por formas abstratas e simbólicas. Por essas veredas, a benzedeira comunga com os mitos, porque

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento (...). Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. Essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.<sup>17</sup>

Tomando a citação como lume, entendemos que ao se afastar dos deuses o ser humano se tornou profano, transgredindo as normas regidas pelas divindades. Abusando de práticas impuras, concernentes ao desrespeito a si mesmo e ao outro. Mas o profano está distante de Dona Cândida, já que devota respeito aos ritos e cultos religiosos. Há um estreito laço de observação e veneração aos preceitos espirituais. Assim, na quinta ocorrência, o advérbio “aí” é retomado para expressar a unidade familiar envolta no rito e no mito sagrados, depende fé e esperança para a libertação do “anjo”. Tudo isso se torna possível com o avivamento da memória, notável no ato comunicativo da fala, pois

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...) A memória instala a lembrança do sagrado (...) A

---

<sup>16</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução: Rogério Fernandes, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 17 e 18.

<sup>17</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 11.

memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.<sup>18</sup>

A memória firma o sentido de ser e estar no mundo, ela transporta a benzedeira no espaço e no tempo e as ocorrências apanhadas do passado confere novos contornos aos fatos do cotidiano. Razão pela qual enseja a precisão da imagem, de modo a retratar a situação em que se encontrava. A bandeira dos Santos Reis carrega o símbolo da esperança, o surgimento de um novo tempo: o nascimento do menino Jesus. Anuncia a perspectiva de um futuro mais aprazível. Nesta imagem correlacionamos a menina enferma à simbologia da figura estampada na bandeira portada pelos foliões. Ambas as ilustrações se fundem pelos atributos da infância. O menino-deus veio ao mundo na fragilidade de uma criança e na pobreza de uma manjedoura. Portas abertas para aproximação e veneração. Passagem em que os familiares da menina combalida acessaram para buscar a cura. Sob esta perspectiva, o nascimento de Jesus tem correspondência com o renascimento de Dona Cândida, já que

A bandeira dos Santos Reis é investida de sacralidade e representa o objetivo principal do culto que conduz e guia os foliões na peregrinação. Para os foliões, a bandeira é considerada a Estrela Guia, como foi a estrela D´Alva na época que Jesus nasceu e serviu para guiar os Três Reis Magos até o local em que Jesus se encontrava recém-nascido. O importante da bandeira é o valor simbólico que ela representa, dando sentido popular ao culto.<sup>19</sup>

Ao adentrar o recinto familiar, a bandeira é passada ao proprietário da casa. Como o pai foi buscá-la, coube à mãe portar solenemente a bandeira, lhe prestar devoção. Na reunião, o rito se processa no hábito em agradecer as bênçãos recebidas e solicitar novos pedidos à Sagrada Família, ao Menino-Deus e aos Três Reis Magos. Denotação que se expressa em: “Se cê vê a hora que eles canta, a pessoa toda chora, a hora que eles tava cantando pra mim”. Há uma cisão temporal. A narradora suspende o tempo passado, retorna ao presente e dirige-se à ouvinte, como que enfatizando a credibilidade dos acontecimentos e para que ela não desviasse a atenção da *performance*. A afirmação comprova-se pelo uso da condicional “se”, indica que a ouvinte não tem o privilégio de sentir, ver e ouvir o rito efetuado pelo canto entoado pela Folia de Reis. A energia da música, somada ao sentimento de esperança das

<sup>18</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo (10), dez, 1993, p. 9. Tradução Yara Aun Khoury. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/>>. Acesso em: 3/2/2016.

<sup>19</sup> SILVIA, Maria Luiza dos Santos. *A Folia de Reis da família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, 2006, p. 65. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=222](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222)>.

peças presentes, tiveram como consequência a restauração da saúde da menina. Tudo isso impedia a participação direta da ouvinte, porque essa passagem cobriu-se pela espessa cortina do passado. No entanto, a ouvinte pode deleitar-se com fragmentos desse canto longínquo, imersos da lembrança, ecoados pela narradora, já que

O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente. (...) Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações.<sup>20</sup>

A volta ao passado, com a valorização da descrição pormenorizada, exige atenção atenta da ouvinte, para captar os sentimentos alados pela memória-depoente. Desta forma, o acontecimento, sucedido há muito tempo, adentra no presente, estampa luta e determinação em superar obstáculos.

O sexto episódio “Quando foi daqui três dias, o que tava duro na cama, com zóio parado, começou a mexer na cama. Aí, a mãe falou: eu num tenho coragem de assistir a morte, vai chamar a mulher lá pra mim, tá na ânsia da morte, tá mexendo lá na cama, chegou a hora da morte, eu num tenho coragem”, remete à quarta passagem: “Quando foi um dia, aí bateu uma caixa de Reis, bateu uma caixa de Reis longe (alonga). Aí, a mãe falou assim: José, cê pega o cavalo ali, não arreie não, filho, põe só o cabresto e vai atrás daquele Rei Santo, traz aqui pra descansar essa criança”, e apresenta uma resolução ao fato. Revoga-se a sentença de morte, pré-destinada à criança -“anjo”. A menina sobreviveu para se tornar a benzedeira. Salva pela crença, a religiosidade pauta sua jornada.

Para surpresa da mãe, o desfecho se dá em indícios representativos que ela diagnostica como sintomas terminais, ou seja, compreende que a filha estava morrendo. Embora o fato já fosse esperado devido ao quadro clínico da menina, a mãe necessitava da presença de alguém que a acompanhasse no velamento final e comungasse com ela a dor da separação ao testemunhar a passagem vida/morte que se operava em sua filha.

Na sétima ocorrência: “Aí, foram chama minha madrinha, que é tia e madrinha e trouxe pra por a vela na mão. Comecei a mexer, a fazer ar de riso. “Mais que tá acontecendo com esse anjo? Quatro dias, já virei na cama”, a narradora retoma o advérbio “aí” para incluir a presença de uma nova personagem “a madrinha”. Na tradição cultural, ela tem valor

---

<sup>20</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 17.

representativo de mãe, encerra a ideia de apoio, isto é, a mãe confiou a esta pessoa o compromisso de substituí-la, em sua ausência, e auxiliá-la na formação da menina. Para encarar a morte, necessita de amparo, por isso, divide a dor com a madrinha da filha.

Outro dado a ser considerado, que também reforça o papel da madrinha, bem como a autenticidade do fato, é quando a narradora profere voz à madrinha, pelo discurso direto, pelo qual revela a recuperação da afilhada. Dona Cândida encerra a narrativa, no momento em que a comunidade comprova o restabelecimento da saúde da menina. A cena passada leva a narradora a jubilar-se, no presente, com seu êxito transcorrido na infância. Ela acredita que essa passagem foi uma hierofania, ou seja, considera ser uma das primeiras evidências de que ela estava sendo preparada para receber o dom da cura, herança destinada a ela pela ancestralidade. Assim,

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada<sup>21</sup>.

Cabe ressaltar que a ação se mobiliza pelo universo feminino. Mãe, filha e madrinha abrem caminhos que apontam novos rumos para edificar suas vidas, tanto no universo individual como no coletivo, singrados pelo evento sagrado e instigados pela vias da memória.

Longe da escrita, Dona Cândida tece habilmente pelos fios da memória sua própria trama, demonstra sua cultura, com raízes fincadas na tradição, isto é, saberes transmitidos pela oralidade, que se atualiza pela voz da depoente. Passado e presente encontram moradia nas lembranças da benzedeira.

A linha divisória com a pessoa do discurso encontra-se nas ideias posteriores, em que a narradora se afasta da ação direta e se vale da terceira pessoa, confere veracidade aos fatos, pois naquele momento da história, sua consciência estava em repouso, afetada por um mal estar, impedindo-a de controlar a consciência. Há uma lógica circular que mobiliza o desenvolvimento da narrativa. A primeira pessoa do singular inicia e finaliza o discurso. Em “Eu acho que eu tinha uns oito ano, mais ou menos” e “Quatro dia, já virei na cama” mostra o local de onde fala Dona Cândida.

---

<sup>21</sup> POLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 204. . Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 2/2/2016.

Ao tomar para si a palavra, ao final da narração, nasce novamente, encontra-se desperta para assumir o rumo de sua vida. Sua redenção representa a salvação, pois a revigora, e a vitaliza para futura ação de benzer. A narradora faz-se na linguagem, porque se constrói em seu discurso. A narração pontuada pelos verbos no pretérito imperfeito desperta na ouvinte a agonia vivida, o prolongar da ação no penoso trâmite vida/morte. Já a ação cadenciada pelo pretérito perfeito evidencia a conduta pontual da mãe, bem como sua desenvoltura à procura de uma solução que viesse libertar e salvar sua filha do flagelo a que estava submetida.

A esse respeito, há a declaração de que "na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano. [...] Em uma cultura oral a experiência é intelectualizada mnemonicamente".<sup>22</sup> A poeticidade reside na energia narrativa, na inflexão da voz, no manejo do corpo e, sobretudo, no fecho da *performance*. Dona Cândida bateu uma palma rápida, elevou o tom da voz e acenou positivamente com a cabeça. Logo após, ficou tão absorta, com o rosto na palma da mão. Como em êxtase, arrebatada pelo passado, confirma e sente sua libertação.

O salto do passado para o presente é húmus para a atualização da memória. Nessa artimanha, a depoente manipula a voz e o corpo, mecanismos pelos quais absorve a atenção da ouvinte. Envolvida na trama/drama, o artifício conduz a ouvinte à reflexão sobre a experiência vivida pela depoente que, transferida aos tempos atuais, ainda se faz tão real, numa sociedade marcada pela individualização e pela não aceitação do outro.

O ato de relembrar demandou esforço, ao buscar os conhecimentos acumulados. Na evocação veicula valores sustentados na tradição. Por isso, Dona Cândida representa todos aqueles que, como ela, se encontram esquecidos pela sociedade. A vivência de Dona Cândida refletiu a experiência, legado da tradição.

O somatório desses fatores resulta na intelectualização, fontes de fortalecimento e respaldo para a trajetória de vida. Campo fértil de saberes, a memória da narradora guarneceu-se de acontecimentos. A liberdade criadora de Dona Cândida realiza-se pela habilidade em trabalhar com os acontecimentos passados, maneja-os pela farta gesticulação, o vibrar do corpo, o controle da tonicidade vocal.

---

<sup>22</sup> ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p. 23 e 46.

Nesse processo, o passado invade o espaço cotidiano e lhe confere novos contornos, uma vez que voz e corpo concebem sentidos e geram novos significados, ampliam conhecimentos e os espalham no tempo e no espaço presentes.

## **Conclusão**

A intenção deste artigo se resumiu em analisar as práticas culturais de uma benzedeira afrodescendente residente no município de Cornélio Procópio no estado do Paraná, Dona Cândida. Essas práticas fazem-se presentes no modo de ser e agir da depoente, que se abastece na esfera sagrada objetivando corroborar, pelos laços de solidariedade, despendidos pelo ato de cura, com a harmonia comunitária.

Para atingir este intento, nos lançamos à pesquisa de campo, coletando os depoimentos de vida e observando, dentre dos limites de nosso tempo, o ritual de cura processado por Dona Cândida. A aproximação nos permitiu acesso à dimensão simbólica, matéria prima que se utiliza a benzedeira para driblar as adversidades, para subverter o fatalismo, destinado à população periférica. O aspecto simbólico cinge a benzedeira, materializa-se em sua narrativa, bem como em sua atuação no meio social. À luz da esfera sagrada, Dona Cândida reinventa um novo espaço, confere novos significados ao grupo social pelo ato de cura, produzido no ofício de benzimento.

Então, nos focamos no discurso de Dona Cândida, nos detendo na forma criativa desencadeada por ela em lançar-se às suas memórias e colher as histórias ilustrativas de sua vida. Nesse processo de reconstrução, atentamos, também, à expressão facial e gestual, à tonalidade vocal, na tentativa de capturar o indizível, que jaz nas profundas camadas da memória e das vivências históricas e que a depoente trouxe à superfície pela voz testemunhal.

As vivências de Dona Cândida, traduzidas por ela em forma de discurso e a apropriação dos saberes religiosos lhes permitem realizar mudanças no espaço social, porque as experiências refletem suas trajetórias de vida, bem como a dos membros comunais. A mulher religiosa imbrica-se na comunidade, intermedeia conflitos, gerados nas relações grupais, sinaliza nova organização, como forma de garantia do bem estar coletivo.

Estes preceitos são contraditórios aos ditados pela sociedade capitalista, uma vez que esta promove o consumismo, estimula a competição, provoca o individualismo e há dissolução das questões solidárias e identitárias. Esse fator possui duas faces, uma em que o sujeito se fascina pelas inúmeras formas de consumo e, outra, o desejo de se contemplar nessa constelação. Fatores que corrompe os valores atrelados à solidariedade grupal.

Em contra oposição a este prisma, a narrativa memorialística, processada por Dona Cândida, expressa a humanidade e por cerrar os laços com a coletividade, sua produção resulta num evento social de formulação humana. Ao ter consciência de sua condição social, bem como a de seu grupo, amenizou suas dores no mesmo compasso em que aliviou o sofrimento alheio, tendo como veículo a memória, prenhe do aspecto religioso, coberta pela esfera sagrada. Por esses canais, Dona Cândida divulgou a luta de uma mulher afrodescendente, por sua dignidade e identidade, e, nessa execução, simboliza todas as pessoas que se encontram nas brechas do sistema, porque sua memória-voz-ação faz florescer conhecimentos, divulga valores e visa o bem estar coletivo.